

Elizete Conceição Silva

Faculdade de Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC – SP,
Rua Monte Alegre, 984, Perdizes, São Paulo, SP, CEP 05014-001.

A obra Ramos, de Michel Serres, é o quarto volume da tetralogia formada pelos títulos: *Variações sobre o Corpo* (1999); *Hominiscências* (2001) e o *Incandescente* (2003). Originalmente publicado em 2004, foi traduzido para o português em 2008. É apresentada em dois grandes blocos – Sistema e Narrativa, os quais se subdividem em três: Formato-pai, Ciência-filha e o Filho adotivo; Acontecimento, Advento e Hoje, respectivamente.

A escritura incita-nos a repensar a sociedade atual e suas relações com a criatividade. Aborda a necessidade de, na atualidade, desenvolver um conhecimento amplo, não fragmentado. Serres propõe religar saberes, desfragmentar as ciências, as culturas, as artes, as religiões como modo de ampliação do domínio cognitivo reflexivo.

No primeiro bloco – Sistema, utilizando-se de metáforas como formato-pai, ciência-filha e filho adotivo –, questiona como a sociedade estruturou-se e em que pilares estabeleceu-se, bem como a relação do conhecimento com o poder. O formato-pai relaciona-se à padronização estabelecida na sociedade, a qual não permite a inovação, uniformizando até mesmo a novidade. Esta uniformização é lenta, consolida-se vagarosamente e é um ato violento. Otimista, Serres acredita que é chegada a idade filial, a idade do pai já não dá conta das transformações que fogem das previsões e a contingência estabelece-se por toda a parte. Esta nova idade não impõe a eliminação da figura do pai, mas o estabelecimento da unidade com ele. Formato e invenção, pai e filho conjugam-se.

Os ramos necessitam crescer, vir à luz, ocupar o lugar. Novamente se utilizando de metáforas, o autor aproxima a natureza à cultura, discorre sobre a arborescência universal da vida. Da árvore nascem os ramos, alguns morrerão e outros poderão ter uma longa vida ou não, em todo caso, cada um terá sua própria existência, sua história, e seguirá um caminho, mesmo sendo irmãos, frutos do mesmo tronco. Eles se unem pela pluralidade.

Tome as contingências, aceite correr os riscos, mas inove com criatividade, ouse, busque o novo, continue fazendo a história. Vida é movimento, é dinamicidade, não se pode ficar submetido ao formato-pai: ouse ser filho e aprenda a conviver com os riscos. Na idade filial, uma margem de erros está sempre presente.



Para tornar-se filho, é necessário sair, retirar as sandálias e se colocar a caminho, o qual é incerto, sem lar e errante. Na caminhada, o filho enfrentará conflitos, decepções, alegrias e tristezas, mas, deste modo, tem-se a oportunidade de transformar o saber em conhecimento - o objetivo converte-se em subjetivo, o pão transubstancia-se em corpo e novamente corpo em pão. O subjetivo produz o conhecimento objetivo e coletivo; externalizando um novo objeto, a informação morta revive. O corpo e a palavra de quem recebe o conhecimento podem transformar o corpo dos outros – Espírito Santo. A vida implica esse conhecimento criador e vitorioso da morte.

Aproximando-se ao conhecimento, Serres fala de três viagens: à natureza; à sociedade e às ciências. O conhecimento empreende viagens e elas nunca acontecem em mares calmos. O empreendimento não apresenta uma garantia, uma constância, o mar não conhece a rotina. A viagem é intensa, tumultuada, apresenta diferentes paisagens e visões, algumas belas, outras nem tanto, por outras vezes paisagens sombrias, mas é necessário viajar, se pôr a caminho para alcançá-lo. O verdadeiro vencedor é aquele que ganha sua vida no sofrimento, renascendo sobre as informações mortas.

O vencedor é aquele que se torna uma nova criatura, nem servo, nem livre, mas o filho-adotivo pela fé. Tendo abandonado os seus pertencimentos (o homem antigo) e assumido um empreendimento universal, ele se hominiza. O eu - identidade singular –, eu sou eu, nada mais, eu existo por graça, sou vazio, pobre e nulo: universal.

Livre dos pertencimentos, a paz pode ser instaurada. Precisa-se abandonar os pertencimentos, a noção, o conceito de identidade; à medida que se reconhece com algo é porque desconhece ou desconsidera a existência do outro. Perceber os múltiplos pertencimentos e incorporá-los na alma é um modo de não entrar em crise (morte na guerra). Não se pode delimitar uma pessoa a um de seus coletivos. Deixe os pertencimentos e nasça no universal. Aprenda a conviver com o possível e o contingente.

A morte deve ser desejada, buscada, para que nasça a esperança de viver. Deve-se dar espaço para que o broto saia; o lugar pertence a outro. Pai e filho em uma unidade – Espírito Santo. Que viva o pai no seu referido lugar.

No segundo bloco – Narrativa –, Serres afirma que a percepção global da Grande narrativa (histórica), na qual estamos inseridos, é condicionada pelas raízes que sustentam o formato-pai, a ciência-filha e o filho adotivo. Novamente utilizando metáforas, assemelha a grande narrativa a uma arborescência universal de acontecimentos.

A natureza é marcada, tanto quanto a cultura, pela morte e novidade, formato e novidade. O tédio mata, ele repete as leis, não dá espaço ao novo, à novidade, à contingência;



ao contrário, quando se interdita o formato, os ramos renascem, reunindo significado e significante.

Pela inquietude, invenção, motivação, ousadia, despreendimento é que ocorre o advento. Acontecimento e advento diferem entre si; o primeiro pode ficar estéril, já o segundo surge na existência, criando e recriando sujeitos – nasce na morte / o ressuscitado. O desejo não pode ser suspenso, quando o suspende, morre-se; quando não se obstrui o formato, o conhecimento não flui. A base do conhecimento é a correspondência do “meu” tempo ramificado às ramificações da grande narrativa.

Este ensaio, apresentado por Serres, leva-nos a repensar acontecimentos, relações vividas cotidianamente na atualidade, bem como estabelecer outro viés para dialogar com as produções tecnológicas. Um novo leque de pensamentos, indagações e interpretações abre-se. Ou, utilizando-se de suas metáforas, deixe os pensamentos arborescerem-se: eles, assim como o conhecimento, não devem ser podados. Os ramos nascem do mesmo tronco, são irmãos e responsáveis pela evolução comum. Religuemos os saberes. Unir as pluralidades para se alcançar o saber universal e buscar a universalidade das relações dos homens com as totalidades planetárias é o desafio e a proposta.

